

Deputado vai a Washington pedir apoio

por Valério Fabris
de Brasília

O líder do Partido da Frente Liberal (PFL) na Câmara dos Deputados, José Lourenço (BA), afirmou ontem, a este jornal, que uma das maneiras mais eficazes de o Brasil conseguir um bom acordo com os credores externos é remeter menos recursos para o pagamento de juros em troca de um maior volume de importações. "Aumentamos as barreiras alfandegárias em função da nossa necessidade de obter crescentes superávits", disse o deputado.

Ele embarca para Washington no próximo fim de semana, em companhia do líder do PMDB na Câmara, deputado Pimenta da Veiga (MG), para conversar com parlamentares dos partidos Democrata e Republicano sobre as intenções brasileiras de reduzir as remessas de recursos ao exterior. José Lourenço afirma que é preciso um entendimento com o Congresso americano.

José Lourenço considera que é chegado o momento de o governo brasileiro tomar posições mais duras nas negociações de 1987, que se iniciam com a reunião do Clube de Paris, no dia 15 deste mês. "Fique certa a comunidade financeira internacional de que o Brasil está pronto para maiores sacrifícios em defesa de seus interesses."

A greve sob a motivação da dívida externa é uma iniciativa do comando da Central Geral dos Trabalhadores (CGT), ligada ao PMDB, entre outros partidos. A paralisação está marcada para o dia 12. A Central Única dos Trabalhadores (CUT), vinculada ao Partido dos Trabalhadores (PT), convoca para o mesmo dia uma greve de condenação ao recente pacote econômico. "Pelo menos a greve da CUT é inteligente", disse José Lourenço, ao ponderar, no entanto, que não "é esse o caminho" para respaldar o presidente Sarney na questão externa.

Ele reiterou que "hoje há unidade interna" para que o Brasil tome a dura decisão de suspender a remessa de recursos para o pagamento da dívida caso encontre má vontade, por parte dos credores, em atenuar essa "sangria" de divisa. José Lourenço diz que o presidente Sarney tem conduzido, de forma "magnífica" as gestões com os credores. Ressalva, contudo, que o Brasil hoje pode atacar a frente externa porque debelou a ameaça de uma inflação incontável.

ISRAEL — O primeiro-ministro, o ministro do Exterior e o ministro da Defesa de Israel negaram ontem qualquer envolvimento do governo no envio de armas ou de dinheiro para os rebeldes nicaraguenses ("contras"). As autoridades israelenses disseram que apenas colaboraram com os Estados Unidos nos embarques de armas para o Irã, cessando aí sua participação no caso.